

EIXO TEMÁTICO: Ética, direitos humanos e cidadania

RELATO DE VIVÊNCIA: Enfrentamento aos preconceitos a partir das aulas de geografia

## ENFRENTAMENTO AOS PRECONCEITOS A PARTIR DAS AULAS DE GEOGRAFIA

\*Tiago Barbosa Mafra<sup>1</sup>

### Resumo

Este texto relata a experiência de um trabalho de enfrentamento aos preconceitos a partir das aulas de geografia em 8ºs anos, na Escola Municipal Doutor Pedro Afonso Junqueira, em Poços de Caldas, em 2016. O projeto consistiu em realizar diversas rodas de conversa, com apresentação de notícias, dados estatísticos e materiais para contextualização histórica, com vistas a discutir e desvelar o machismo, racismo, homofobia e autoritarismo presentes e perpetuados em sala de aula no cotidiano. Foram elaborados panfletos e feita uma intervenção por parte dos alunos com os moradores do entorno da escola, sendo os alunos nessa segunda etapa, os agentes de propagação de informações estudadas. A partir desse trabalho foi notado modificações no ambiente das aulas, doravante marcadas maior tolerância e respeito.

Palavras chave: Autoritarismo – Homofobia – Racismo – Machismo - Escola

### INTRODUÇÃO

Ética, direitos humanos e cidadania aparecem com recorrência nos discursos de documentos oficiais da educação pública, em Projetos Político-Pedagógicos e nas falas de professores. Porém, são poucas as ações efetivas realizadas e divulgadas que atendem as demandas de temas tão importantes relacionados à realidade brasileira.

---

<sup>1</sup> Tiago Barbosa Mafra, graduado em Geografia pela UNifeob (2008), especialista em Filosofia Contemporânea pela PUC Minas-Campus Poços de Caldas (2011), mestrando em Educação pela UNESP Rio Claro. Professor de Geografia na rede pública municipal de Poços de Caldas-MG desde 2009.  
[tiago.fidel@yahoo.com.br](mailto:tiago.fidel@yahoo.com.br)

Ao longo do primeiro semestre de 2016, lecionando para quatro salas de 8ºs anos da Escola Municipal Doutor Pedro Afonso Junqueira, em Poços de Caldas-MG, foi percebido a recorrente prática de falas agressivas, discursos de violência e ódio, sempre envolvendo ou pessoas ou assuntos relacionados a negros, mulheres e homossexuais. As primeiras tentativas de intervir nessas situações não obtiveram êxito, pois acabavam por ser muito pontuais e não exploravam com mais detalhes as características dessas falas muitas vezes reproduzidas com naturalidade, como parte do cotidiano.

Em vista desse cenário, os professores de Geografia e Língua Portuguesa realizaram um levantamento de uma bibliografia mínima que pudesse auxiliar em um projeto de discussão e atividades no segundo semestre daquele ano, com vistas a desvelar tais ações preconceituosas e minimizar sua recorrência.

Para questões de gênero e sexualidade, cito os três livros produzidos na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e distribuídos pelo Ministério da Educação distribuídos pelo ministério depois do convênio FURG-MEC 025/2009: RIBEIRO; QUADRADO (2013), QUADRADO (2013) e SILVA (2013), que são parte do projeto *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Para compreender a situação da mulher brasileira utilizou-se SAFFIOTI (1984). Sobre a condição do negro na sociedade brasileira, FERNANDES (2017) e WAISELFISZ (2014, 2015). Para um entendimento da violência na escola o embasamento foi TRASSI (2006). E por fim, com intuito de compreender as bases autoritárias da sociedade brasileira, recorreu-se a SOUZA (2009) e SCHWARTZMAN (2007).

O objetivo desse projeto era desnaturalizar as ações e falas violentas e preconceituosas no cotidiano escolar, com vistas a melhorar o relacionamento entre alunos e deles com os professores e equipe da escola, bem como contribuir para um ambiente de maior respeito e convivência que se espera de pessoas nos espaços públicos.

## **METODOLOGIA**

A experiência consistiu em utilizar algumas aulas da disciplina de Geografia, com turmas de 8º ano da Escola Municipal Doutor Pedro Afonso Junqueira, zona sul de Poços de Caldas-MG, para abordar, debater e construir materiais de enfrentamento a preconceitos e práticas indesejadas detectadas no cotidiano escolar.

Em razão da recorrência de falas e embates que expressavam a violência contra a mulher, o preconceito aos negros, a intolerância com opiniões e posicionamentos distintos e a agressividade para com homossexuais, quatro temas geradores foram escolhidos para as discussões em sala de aula, a saber: machismo, racismo, autoritarismo e homofobia.

A primeira atividade consistiu em rodas de conversa sobre os temas, sempre iniciadas a partir de notícias ou dados estatísticos sobre os temas (dados sobre violência contra mulher, feminicídio, lei Maria da Penha, Mapa da Violência, números de assassinatos de homossexuais). Nessa primeira etapa também se buscou que os alunos fossem detectando nas práticas cotidianas dentro da escola, como estes assuntos apareciam e estavam relacionados a comportamentos na maioria das vezes vistos com naturalidade.

A partir dessas discussões, articulados com as aulas de Língua Portuguesa, os alunos passaram a pesquisar formas de fazer divulgação de informações, por meio de panfletos. Nessas aulas aprenderam sobre formato, a importância dos títulos atrativos, o papel das imagens ou ilustrações e a importância dos textos escritos de forma concisa e que atenda o objetivo. No nosso caso, a atividade seguinte seria a construção de panfletos que deveriam ter como objetivo combater a homofobia, o racismo, o machismo e o autoritarismo.

A partir de dados levantados sobre os temas, os alunos projetaram seus panfletos, divididos em grupos de três ou quatro integrantes, gerando para cada sala, dois panfletos sobre cada um dos temas centrais. Ao final dessa etapa, foram produzidos ao todo 30 panfletos, que foram apresentados em todas as salas envolvidas. Desses, os que foram considerados mais completos e bem feitos de cada tema, em votação dos alunos, foram reproduzidos pela equipe da escola e em seguida, distribuídos pelos próprios alunos em atividade de panfletagem pelas ruas do bairro, supervisionados e orientados pelos professores, sobre como abordar e conversar com os moradores.

A atividade final consistiu em uma roda de conversa realizada em cada sala envolvida, onde os alunos puderam expor as sensações de produzir e distribuir os panfletos, suas dificuldades e opiniões, bem como discorrer sobre a receptividade dos moradores quando eram abordados sobre os temas em discussão.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As atividades realizadas ao longo do mês de agosto e primeira quinzena de setembro de 2016 foram alocadas dentro do conteúdo de “subdesenvolvimento”, compreendendo que essa condição de subdesenvolvido do Brasil acentua a ocorrência da intolerância e do preconceito, contrário a qualquer democracia. Por isso, foi estabelecido como princípio norteador, amparado nos objetivos, que “(...) talvez a principal tarefa de um professor de Geografia não seja a de ensinar Geografia, mas realçar um compromisso que a ultrapassa, ou seja, fortalecer os valores democráticos e éticos, a partir de nossas categorias centrais (espaço, território, Estado...) e expandirmos cada vez mais o respeito ao outro, ao diferente” (KAERCHER, 2009: 224).

Um dos pontos mais marcantes das primeiras rodas de conversa foi perceber que uma das causas da naturalização da violência e dos discursos preconceituosos e de ódio é justamente a falta de debate sobre os mesmos. Jessé Souza chama atenção no capítulo 2 de *A ralé brasileira* (2009) para o perfil de negação dos conflitos na constituição da sociedade brasileira, tendo como resultado uma sociedade violenta, mas que se apresenta como harmoniosa, pacífica, não enfrentando sua realidade. Nesse aspecto, essa primeira etapa consistiu em fazer esse enfrentamento com a realidade, mostrar sua historicidade e sua característica de não naturalidade. Qual futuro é possível para crianças e adolescentes que estão expostos tão de perto, contínua e constantemente à desigualdade? E o pior, com naturalidade. A partir daí, por exemplo, foi discutida a situação do negro no Brasil, que após quase quatro séculos de escravização, foi “libertado” e jogado ao mundo sem nenhuma reparação ou amparo, se defrontando “condições de trabalho tão duras e impiedosas como antes” (FERNANDES, 2017: 79). Surgiram questões relativas ao espaço ocupado pelo negro no mercado de trabalho, os estigmas sociais, diferenças de rendimentos, acesso a escola e universidade e tratamento racista dos aparatos de segurança pública, expressos nos Mapas da Violência de WAISELFISZ (2014, 2015).

As conversas relacionadas à condição da mulher na sociedade brasileira deram espaço para perceber e apresentar aos alunos a persistência das condições descritas por SAFFIOTI (1984), no tocante a disparidade salarial no comparativo aos homens, baixa presença em situações de comando, opressão e violência, a prostituição e o trato da mulher como coisa ou propriedade. Além disso, discutiu-se a atribuição de tarefas domésticas de acordo com o gênero, bem como a violência doméstica e o feminicídio.

Nas rodas também foram apresentados os dados de assassinatos de homossexuais no Brasil, simplesmente por sua condição de homossexual, bem como

pequenos atos no cotidianos, de desrespeito e intolerância, alimentavam a homofobia e a violência. Essa prática foi ao encontro do que propõe RIBEIRO (2013): “Cotidianamente abrem-se possibilidades de problematização dos termos utilizados na nomeação dos sujeitos homossexuais (bicha, viado, sapatão, machorra, entre outros), seus significados e proveniências” (51).

Uma vez feitas as conversas, problematizados os dados e vinculados tais situações às práticas realizadas na escola que fortaleciam e perpetuavam os preconceitos e violência, a tarefa de construção dos panfletos colocou os alunos frente a necessidade de pensar sobre quais formas abordar de forma mais eficiente tais assuntos por meio de propaganda voltada à sociedade como um todo. Essa tarefa foi uma das principais na função de desvelar o que antes era tratado com normalidade, pois ali era preciso pensar sobre o tema e produzir materiais para chamar a atenção de outros para o que eles próprios estavam sendo chamados a atentar sobre.

A panfletagem colocou os alunos em atrito direto com a comunidade, pois nessa tarefa eles assumiram a tarefa de falar sobre os temas inicialmente escolhidos e abordados em sala. Conforme foi relatado por eles na roda de conversa de fechamento do projeto, muitas pessoas ao serem abordadas e ouvir sobre os temas, se negavam a ouvir até o fim a exposição, xingavam os alunos ou simplesmente ignoravam, dizendo que não tinham tempo. Na fala de uma das alunas, “foi possível perceber que o preconceito está em todo o lugar, não somente na escola”.

Após 15 aulas disponibilizadas para essa sequência de atividades, o resultado foi um grande interesse e engajamento dos alunos nos debates e tarefas. Sintoma de que a escola pouco explora essas potencialidades do falar, ouvir, debater e criar. Sinal também de que cabe sim ao professor assumir a responsabilidade pelo que ocorre no espaço da escola, mesmo sabendo que os fatores geradores extrapolam o espaço escolar. Houve apenas um retorno negativo de uma mãe de aluno, que foi à escola para saber “porque se ensina o filho a ser gay na escola”. Mas de modo geral, os alunos passaram a encarar os temas do machismo, racismo, homofobia e autoritarismo de uma forma mais questionadora e menos naturalizante, o que era o objetivo inicial. Além disso, nas salas trabalhadas, foi notório a redução drástica de piadas e “brincadeiras” violentas ou preconceituosas, o que contribuiu para a efetivação de um espaço mais tolerância e respeito, bases para uma democracia efetiva.

## **CONCLUSÃO**

Após 15 aulas disponibilizadas para essa sequência de atividades, o resultado foi um grande interesse e engajamento dos alunos nos debates e tarefas. Sintoma de que a escola pouco explora essas potencialidades do falar, ouvir, debater e criar. Sinal também de que cabe sim ao professor assumir a responsabilidade pelo que ocorre no espaço da escola, mesmo sabendo que os fatores geradores extrapolam o espaço escolar. Houve apenas um retorno negativo de uma mãe de aluno, que foi à escola para saber “porque se ensinava o filho a ser gay na escola”. Mas de modo geral, os alunos passaram a encaram os temas do machismo, racismo, homofobia e autoritarismo de uma forma mais questionadora e menos naturalizante, o que era o objetivo inicial. Além disso, nas salas trabalhadas, foi notório a redução drástica de piadas e “brincadeiras” violentas ou preconceituosas, o que contribuiu para a efetivação de um espaço mais tolerância e respeito, bases para uma democracia efetiva.

Finalmente, é preciso transformar o que hoje se restringe a atividades esporádicas, em práticas cotidianas de enfrentamento às desigualdades e preconceitos historicamente construídos e perpetuados na sociedade brasileira.

## **BIBLIOGRAFIA**

- FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Expressão Popular co-edição Editora da Fundação Perseu Abramo., 2017.
- IPEA; SEPPPIR. (2014). **Situação social da população negra por estado**. Brasília: IPEA.
- KAERCHER, Nestor André. **O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia**. IN: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelindo; PONTUSCHKA, Nídia NAcib.. **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 221-232.
- RIBEIRO, Paula Regina Costa (org.). **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. 3ª ed. revisada. Rio Grande: editora da FURG, 2013. (Caderno Pedagógico – Anos Iniciais).
- RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. 3ª ed. revisada. Rio Grande: editora da FURG, 2013. (Caderno Pedagógico – Anos Finais).

- SAFFIOTI, Heleieth. **Mulher Brasileira**: opressão e exploração. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- SCHWARTZMAN, Simon. **Bases do autoritarismo brasileiro**. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2007.
- SILVA, Fabiane Ferreira da (org.). **Sexualidade e escola**: compartilhando saberes e experiências. 3ª ed. revisada. Rio Grande: editora da FURG, 2013.
- SOUZA, Jessé; colaboradores André Grillo ... [et al.] **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: editora UFMG, 2009.
- TRASSI, Maria de Lourdes. **Adolescência-violência**: desperdício de vidas. São Paulo: Cortez, 2006.
- WAISELFISZ, Julio Jacobo. (2014). **Mapa da Violência 2014**: os jovens do Brasil. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República; Secretaria Nacional de Juventude; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Disponível em [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf) - Acessado em 06 de janeiro de 2017.
- \_\_\_\_\_. (2015). **Mapa da Violência 2015**: mortes matadas por armas de fogo. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República; Secretaria Nacional de Juventude; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Disponível em <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf> - Acessado em 06 de janeiro de 2017.